



UFPG - Campus de Cajazeiras - PB.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ANA PAULA NUNES DE FREITAS

OS TROPEIROS DA BORBOREMA:

Símbolo fundacional da cidade de Campina Grande – PB (1790 - 1982).

CAJAZEIRAS – PB

ABRIL – 2013

Ana Paula Nunes de Freitas

Os Tropeiros da Borborema:

Símbolo Fundacional da Cidade de Campina Grande – PB (1790 – 1982).

Monografia apresentada à Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, para obtenção do título de licenciada em História.

Orientação: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos

Cajazeiras – PB

Abril – 2013



F866t Freitas, Ana Paula Nunes de.
Os Tropeiros da Borborema: símbolo fundacional da cidade de Campina Grande- PB (1790-1982) / Ana Paula Nunes de Freitas. - Cajazeiras: UFCG, 2013.
42f. il. color.

Não disponível em CD.
Monografia (Licenciatura em História) Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2013.
Não disponível em CD.

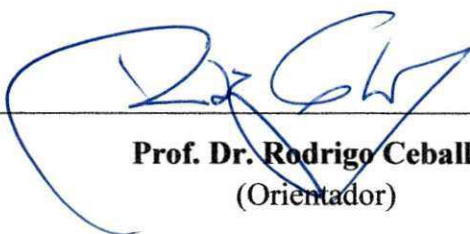
1. Cavalaria. 2. Tropeiros da Borborema. 3. Tropas montadas. I. Ceballos, Rodrigo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

FICHA DE APROVAÇÃO

ANA PAULA NUNES DE FREITAS

Defesa da Monografia:

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rodrigo Ceballos
(Orientador)

Prof. Dr^a. Ana Rita Uhle
(Examinadora)

Prof. Ms. Viviane Gomes de Ceballos
(Examinadora)

Prof. Ms. Isamarc Gonçalves Lobô
(Suplente)

Cajazeiras, ____ de _____ de 20 ____.

*Aos meus pais: Gilberto Nunes de Freitas e Maria Graciete Nunes
Pereira.*

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pela força dada a cada amanhecer. Pelos momentos que achei que não iria tornar o meu sonho em realidade e ele sempre mim iluminando e guiando o meu caminho, mim mostrando que só conseguimos algo na vida lutando e que nada acontece por acaso. Hoje sei que todo cansaço, as noites de estudos, a dúvida, o sofrimento, a ausência da família, não foram atos, pois, sei que foram momentos necessários para alcançar a minha vitória.

Em especial agradeço as pessoas mais importantes da minha vida, os meus pais: Gilberto Nunes de Freitas e Maria Graciete Nunes Pereira, pessoas essas que mim orgulho muito em ter ao meu lado. Jamais esquecerei todos os seus ensinamentos, o cuidado e a ajuda, as quais repassaram para mim ao longo de toda a minha existência.

Agradeço as minhas irmãs Poliana Nunes de Freitas e Camila Nunes de Freitas pelo apoio e todo carinho dado nos momentos mais difíceis e felizes desta trajetória. Agradeço também a Isaac Genuino pelo apoio, o amor e toda a compreensão ao longo desses anos.

Ao meu orientador Rodrigo Ceballos por não ter desistido de minha pesquisa, por ter acreditado que seria capaz, o meu muito obrigado.

Agradeço também aos professores do curso de história do campus de Cajazeiras, em especial: as professoras Ana Rita Uhle, Viviane Gomes de Ceballos, Rosilene Alves de Melo e aos professores Francisco Firmino Sales Neto e Isamarç Gonçalves Lôbo, por suas importantes contribuições diante da minha pesquisa.

Pelos momentos de aflições dentro da coordenação de história, agradeço a Joana Sousa e Marta Maria que sempre se mostraram aptas a solucionarem todos os problemas.

A turma do curso de História do período 2008.1, pelos momentos difíceis e felizes vivenciados com cada um deles durante esses anos.

Agradeço às minhas AMIGAS: Anna Cyntia Gonçalves, Rosimeire Pereira, Evaniete Maria, Gislânea Nunes, Francisca Soares, Laíse Diniz, Raíza Ramalho, Thays Barros, Adriana Ferreira, Gerlândia Gouveia, Roseane, Paloma Correia, Giliane, Mariana. Amigas essas que pude sempre contar, compartilhando as minhas alegrias e as minhas aflições.

Agradeço a família de Dona Miriam, residente da Rua Antônio Filho, Bairro Por do Sol, da cidade de Cajazeiras, pelo acolhimento, pelo carinho, por não ter deixado desistir do meu sonho, hoje se tornando em realidade.

A todos que fazem parte da minha família, tias, tios, avós, avôs, madrinhas, padrinhos, primos e primas, o meu profundo agradecimento.

Agradeço carinhosamente á todos que acreditaram em meu potencial e em minha capacidade: Edna, Nadegê, Joelton, Leilane, Fabricio, Aluisio, Fatima Silva, Amanda Sudério, Tatiana, kléber, Francimar, Felipe, Silvanir, Eliana, Elisangela, Vanessa, a todos os meus amigos e amigas. Agradeço também aqueles que de alguma maneira não acreditaram na minha capacidade, que num primeiro obstáculo desapareceram da minha vida, sofri, mas foi um incentivo maior para não desistir e vencer.

Enfim, agradeço a todos que direto ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho, pois, hoje sei o verdadeiro valor de uma vida e isso deve a todos vocês, meu **MUITO OBRIGADO!**

Essa foi a grande revolução: os Tropeiros da Borborema, também com vocação de pioneiros, a exemplo da cidade que os acolhia, preferiram a certa altura de suas caminhadas se fixarem na Campina Grande, convencidos de que se tornariam autores e responsáveis pela maior façanha de que se tem notícia da história de formação paraibana. Seriam, como foram, os fundadores de uma civilização, representada por novas conquistas, somente conhecidas na Orla, onde começaram e, nessa época, estacionaram os impulsos civilizatórios do País.

(Evaldo Gonçalves, 1977).

INTRODUÇÃO

O presente trabalho acadêmico tem como objetivo analisar como os “Tropeiros da Borborema” transformaram-se no símbolo fundacional da cidade de Campina Grande, tomando como base a historiografia de autores locais e regionais que escreveram sobre esta temática.

Os Tropeiros da Borborema eram homens viajantes, trabalhadores que andavam em tropas de burros e enfrentavam os sertões afora e as diversidades da natureza, quando ainda não existiam estradas nas áreas urbanas ou rurais do Nordeste levando consigo alimentos, roupas, utensílios e, porque não dizer, as suas próprias vidas. Afinal, eram longos percursos a serem realizados, onde muitas vezes a família tinha que acompanhá-lo.

Dentre os estados percorridos pelos tropeiros destacam-se: Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte e Ceará. Por onde passavam formavam feiras. Entre estas paradas, a obrigatória para esses homens passou ser a antiga Vila Nova da Borborema, localizada no interior da Paraíba, ponto estratégico no meio do Nordeste brasileiro.

Ao largo do Açude Velho começou a se formar uma espécie de parada, um entreposto comercial, onde os tropeiros comercializavam suas mercadorias e descansavam das longas viagens.

Para proteger o corpo, a vestimenta do tropeiro em geral era feita de couro, pois também comercializavam peles de animais nas suas andanças nos sertões afora, em busca de novos comércios e de novas ocupações.

A localização de Campina Grande entre o Litoral e o Sertão paraibano contribuiu significativamente para que o pequeno povoado existente durante o século XVIII crescesse e se transformasse posteriormente em vila. Na condição de vila, ela passou a ser a passagem obrigatória para os tropeiros que cruzavam o Nordeste e depois de 74 anos nesta condição, finalmente no dia 11 de outubro de 1864, foi elevada à categoria de cidade paraibana.

Nessa perspectiva, organizamos a presente monografia em três capítulos.

O primeiro capítulo intitulado “A história de Campina Grande”, traz as etapas que proporcionaram a urbanização de Campina Grande e como a sua história liga-se à história dos tropeiros, bem como a sua principal base econômica: o algodão.

Já o segundo capítulo: “A historiografia sobre o tropeiro”, apresenta uma análise bibliográfica acerca do tropeiro, analisando: o que já foi escrito, como os autores defendem o tropeiro, como eles se posicionam em torno do tema, como eles mobilizam

teorias/metodologia/fontes para produzir uma interpretação do passado que faz de Campina Grande a terra dos tropeiros.

O objetivo desta historiografia acerca dos tropeiros está relacionado à imagem que determinados autores, ao longo dos seus discursos, passaram a construir sobre eles. Também é feita uma discussão sobre o surgimento das tropas de burros, a sua finalidade, a criação dos muros, a importância do Açude Velho e a sua relação com os tropeiros.

O terceiro e último capítulo abordará a problemática deste trabalho acadêmico: "Como os tropeiros transformaram no símbolo fundacional da cidade de Campina Grande". Nele discutimos como os tropeiros ao longo do tempo foram sendo consagrados elementos fundacionais da cidade de Campina Grande.

Esta discussão será realizada a partir de duas representações históricas existentes na cidade: O monumento aos Pioneiros (Índio, Tropeiros e a Catadora de algodão) localizado as margens do Açude Velho, inaugurado no ano de 1964; e o Grupo Cultural Tropeiros da Borborema, fundado no ano de 1982. São essas as representações, que demonstram a importância dos tropeiros para a história de Campina Grande.

CAPÍTULO 1 - A história de Campina Grande

A cidade de Campina Grande está localizada no Agreste da Borborema entre o Sertão e o Litoral paraibano, entre o Brejo e o Cariri. O seu povoamento eclodiu no final do século XVII, sendo instituída à condição de Vila no final do século XVIII (1790).

O mapa a seguir mostra a sua localização:



Fonte: www.helderarocha.com.br/paraiba/campina/geografia.html

Diante do mapa exposto, observamos que Campina Grande é passagem para quem vai ou vem do Sertão para o Litoral paraibano e isso foi um dos fatores que colaborou intensamente para a evolução da cidade, principalmente em meados do século XVII.

O primeiro núcleo de colonizadores na abrangência geográfica onde se estabeleceria a cidade de Campina Grande deu-se em presença da ocupação do Capitão-Mor dos sertões, Teodósio de Oliveira Ledo, juntamente com alguns companheiros vindo do sertão, no ano de 1697. Ao chegar, na pequena campina aldeou entre os limites da região do Cariri, trazendo consigo índios já escravizados da tribo Ariús. Porém, esta terra já havia sido habitada pelos índios Cariris.

Almeida (1978), um importante intelectual que contribuiu consideravelmente para a história da cidade de Campina Grande, relata que desde o início do aldeamento dos índios Ariús nas proximidades do Cariri, a aldeia ficou conhecida por Campina Grande devido às configurações geográficas do sítio. Nesse aspecto, tendo ciência da chegada dos índios na região, no ano de 1699, o governador Manuel Soares Albergaria escreveu uma carta destinada ao reino, com a finalidade de propor a catequização dos índios dentro do território da sua jurisdição. Isso constitui um grande marco histórico em seu processo de formação, já que a partir de então que a localidade passa a configurar uma existência formal. (OLIVEIRA, 2007, p.17)

Devido às condições propícias do sítio, do clima agradável, da presença de matas, da natureza, do solo e em especial a sua localização, no final do Século XVII, ocorreu o encontro de duas frentes colonizadoras da Paraíba (litoral e sertão).

Os Oliveiras Ledo buscaram estabelecer um contato permanente com o litoral e, como não poderia ser diferente, necessitavam de um entreposto onde poderiam descansar os homens e animais, daí surge o povoado de Campina Grande. Assim, as terras referentes à atual cidade de Campina Grande passa a ser intermédio dos tropeiros que vinham do litoral com suas boiadas em direção ao sertão, estabelecendo-se um comércio e pousada para os viajantes, tornando-se um pequeno pólo comercial com as vendas de gados como também produtos alimentícios. (OLIVEIRA, 2007, p. 16-17)

Dentro deste contexto, observamos que os Oliveiras Ledo, tiveram uma grande colaboração para o surgimento do povoado em Campina Grande, como também percebemos que esta cidade passou a ser intermédio dos tropeiros, vindos do litoral com destino ao sertão.

No princípio, Campina Grande não passava de um pequeno e modesto aglomerado de casebres de taipas (casas feitas de argila e pau), estas servindo de moradia e de hospedaria, acolhendo os viajantes (tropeiros), vindo de localidades distantes, proporcionando assim, o surgimento de um povoado local.

Evaldo Gonçalves (1977) relata que além dessa função de cidade-pousada, Campina Grande avançou pioneiramente, como sempre soube fazer, para aumentar as suas ações, pois, exerceu outras funções básicas, como por exemplo, de cidade-mercado a partir da comercialização de produtos advindos de outros estados nos lombos dos mares, conduzidos pelos tropeiros.

Apesar de todas as situações favoráveis, só no ano de 1970, com o crescimento populacional e econômico, este atrelado ao comércio, Campina Grande é elevada a categoria de Vila, sendo nomeada Vila Nova da Rainha, através do edital publicado em 6 de abril do presente ano, em conformidade à Carta Régia de 22 de julho de 1766. Ao receber esta denominação Campina Grande “Formava um pequeno aglomerado humano, de pouco mais de trezentas casas, distribuídas em quatro ruas, três largos e oito becos”. (ALMEIDA, 1978, p. 132). Nesse caso, observamos que o povoado existente em Campina Grande inicialmente não “soube” explorar o território e por este motivo não desenvolveu e progrediu como era esperado. “Conservou-se Campina Grande como Vila durante 74 anos. Nesse longo período, apesar da situação topográfica privilegiada, permaneceu estática, tão lento e insensível foi o seu crescimento”. (ALMEIDA, 1978, p.123).

Embora tenha passado todos esses anos na qualidade de Vila, finalmente Campina Grande foi elevada a categoria de cidade.

Com a Lei Provincial nº127 de 11 de outubro de 1864, a Vila Nova da Rainha é elevada à categoria de cidade, denominando-se assim Campinha Grande. Desse período até o final do Século XIX Campina Grande passa por um rápido processo de desenvolvimento e crescimento, aumentando significativamente o volume de atividades comerciais como também sua população. Ainda assim, a cidade permanecia com a mesma estrutura urbana, acrescentando-se apenas prédios edificadas para a Cadeia Nova, para a Casa de Caridade, para o Grêmio de Instrução, para o Paço Municipal, elevando-se apenas o número de edificações habitacionais. (OLIVEIRA, 2007, p. 18-19).

É necessário destacar que embora Campina Grande tenha sido elevada a categoria de cidade no ano de 1864, a sua comarca só foi criada no dia 8 de agosto de 1865 mediante a promulgação da Lei Provincial nº 183, abrangendo o termo de Ingá, assinalada pelo presidente da Assembleia Legislativa, o padre Felipe Benício da Fonseca Galvão. Segundo Oliveira (2007), a partir deste momento até o final do Século XIX Campina Grande passou por grandes transformações, aumentando as suas atividades comerciais e aumentando a sua população.

1.1 Simbologia de Campina Grande (algodão)

Durante o século XIX Campina Grande possuía a influência de três elementos essenciais para a sua organização e consolidação: os produtos da pequena lavoura, o gado e o algodão.

Campina Grande quando instituída a categoria de Vila no final do século XVIII, entra no século XIX com duas feiras semanais extremamente importantes para o seu desenvolvimento: uma de cereais e outra de gado.

Sua feira de cereais, por exemplo, era uma das maiores da região, não obstante existissem feiras concorrentes na captura do Sertão paraibano, como Brejo de Areia (PB) e Icó (CE), isto na primeira metade do século XIX: a primeira atraía os tropeiros do Seridó norte rio grandense e Curimataú paraibano; a segunda, por sua vez, exercia atração sobre os tropeiros do Sertão do Baixo Piranhas na Paraíba. Quanto à feira de gado ela tornou-se bastante famosa, atraindo compradores de todas as regiões paraibanas e de outras regiões das províncias vizinhas, beneficiada que era pelas chamadas Estradas Gerais e pelo Açude Velho. (ARANHA, 1991, p.47)

Pelo exposto, percebe-se que as estradas que ligavam o estado da Paraíba com os estados circunvizinhos tiveram uma participação significativa para com o desenvolvimento comercial de Campina Grande. A posição geográfica que Campina Grande ocupava, convergia com todas as estradas citadas acima por Aranha (1991), isto, sem dúvida era um fato privilegiado, pois tornava-se um posto de trocas comerciais, as quais favoreciam toda a região. Quanto ao Açude Velho, considerada a fonte pública de grande relevância para a Chapada da Serra da Borborema, ela contribuiu com o crescimento comercial, a partir do seu reservatório d'água, não só para esta cidade, mas para todas as cidades e estados circunvizinhos.

As razões posicionadas e somadas revelam que esses elementos contribuíram para que Campina Grande chegasse à segunda metade do século XIX, como o principal centro comercial do interior da Província da Paraíba. A sua evolução econômica pôde aos poucos ser viabilizado, devido, as novas artérias surgidas no seu traçado urbano, a ampliação do comércio, juntamente com as suas feiras.

Porém, o crescimento e o desenvolvimento da cidade de Campina Grande só vieram acontecer realmente no início do século XX, com a exploração da atividade algodoeira. Antes do advento do algodão era as feiras de gado e a de cereais, que proporcionavam a base econômica da então Vila Nova da Rainha, atraindo diversos viajantes e comerciantes, dentre eles os tropeiros.

Sabe-se que o algodão em Campina Grande durante o século XVIII, já era cultivado, mas em pequena escala, esta cidade só passa a experimentar o que posteriormente seria o apogeu do ciclo do algodão durante o século XX, intensificando-se com a inauguração da Estrada de Ferro, em 1907. Antes este produto era conduzido no lombo de burros com destino à Itabaiana e em seguida para João Pessoa e Recife, isto, sem dúvida era um ponto bastante negativo para a sua comercialização, pois demoravam vários dias para chegarem ao seu destino e conseqüentemente comercializar este produto. É bem verdade, que Campina Grande só tornou o grande entreposto comercial do Nordeste a partir do século XX, quando o mesmo ganhou aspecto de modernidade.

Seguindo este raciocínio sabe-se que a cultura algodoeira nem sempre esteve relacionado a uma cultura de valor comercial, veja a seguir:

Na verdade, ela era uma cultura nativa, produzida em reduzidas proporções, servindo durante o longo período colonial, tão-somente como matéria-prima para

vestir os escravos e as demais camadas subalternas. Essa cultura só adquire valor comercial no Brasil no momento em que, integrada ao mercado mundial, ela satisfaz a demanda vinda da Europa, que necessitava da fibra como matéria-prima para prover o processo de industrialização no setor têxtil, sobretudo na Inglaterra, onde esse setor cresceu mais que em qualquer outro país. (ARANHA, 1991, p. 104)

Constatamos, que nem sempre o algodão foi produzido para suprir as necessidades mundiais e sim as locais, isto, muda de sentido a partir do século XVIII, com a descoberta da máquina a vapor, pois, neste dado momento o algodão passou a ser largamente utilizado na Europa diante da indústria têxtil. Quando esta cultura passa a ser compreendida como um valor comercial e a partir de então várias áreas do Nordeste passaram a investir e a cultivá-los com objetivo de suprir toda a sua demanda externa.

Nesta perspectiva, intuímos que começou a surgir uma disputa comercial entre o algodão e a cana-de-açúcar, pois até então era o açúcar o produto de maior exportação do Nordeste. “Este fato leva-nos a constatação de que a concorrência do algodão com a cana-de-açúcar foi significativa, mas não o suficiente para desbancar ou levar esta última a bancarrota” (ARANHA, 1991, p.109). A exemplo, da citação anterior podemos mencionar o estado de Pernambuco, que mesmo produzindo intensamente o algodão, em nenhum momento a cana-de-açúcar deixou de ser a sua base econômica agroexportadora.

A Paraíba foi uma das regiões, que inseriu na divisão regional e internacional do trabalho como produtora de algodão. A princípio a produção da fibra estava voltada para o Agreste e o Sertão, houve momentos em que pôde ser viabilizado o seu avanço nas demais áreas, todos de acordo com Aranha (1991), embriagadas pelo clima de euforia que a envolvia. “Assim, o Agreste e o Sertão, o Litoral e o Brejo, todas essas áreas se viram enredadas, ora mais, ora menos, nos negócios de produção, beneficiamento e comercialização do algodão” (ARANHA, 1991, p. 110). É importante salientar que dentre estas regiões foram o Agreste e o Sertão, as quais movimentaram os negócios em torno da atividade algodoeira, pois aqui não tinham que disputar terras nem braços em torno da atividade criatória. No entanto, na metade do século XIX, o algodão tornou-se uma importante fonte econômica para o estado da Paraíba.

No início do Século XX, o comércio do algodão se intensificou significativamente, principalmente depois da instalação da estação ferroviária, sendo umas das principais atividades da cidade, fazendo de Campina Grande a segunda maior exportadora de algodão no mundo. Isto se devia a condição do município como mercado de produtos que eram trazidos pelos tropeiros que traziam suas mercadorias em transportes de tração animal, geralmente burros, para ser comercializado na cidade, onde daí era levado para a capital do Estado ou para o porto do Recife, onde seria exportado para o exterior. (Oliveira, 2007, p. 21).

A citação acima nos mostra que o setor algodoeiro, juntamente com a circulação mercantil e a estrada de ferro durante o início do século XX, possibilitou inovações extremamente significativas em torno do crescimento econômico e urbano desta cidade. A partir de tais mudanças pode ser notada uma fase anterior a estrada de ferro e uma fase posterior a esta mesma estrada. Isto pode ser compreendida através do seu próprio núcleo urbano, se antes da chegada da estrada de ferro Campina Grande era extremamente pequena, nos 40 anos que antecederam a mesma, por exemplo, esta cidade contava com 300 edificações, distribuídas em meio a 4 largos e 3 ruas. Depois de 40 anos posterior a chegada da estação da estrada de ferro, a mesma contava com 731 edificações, distribuídas da seguinte forma: 4 largos, 7 ruas, 4 becos e/ou travessias e 1 praça, isto de acordo com os estudos realizados por Aranha (1991).

É importante salientar que o progresso e a evolução da cidade de Campina não aconteceram tão rapidamente como era esperado, como já foi mencionado. Ela só veio acontecer durante as décadas de 1940 e 1950, registrando assim, o seu crescimento populacional e das suas áreas urbanizadas. Nesse período, Campina Grande também consolidou-se como centro regional do interior nordestino, mediante os lucros arrecadados durante toda a década de 1930 com o sucesso do comércio do algodão e posteriormente com a produção do sisal.

Mesmo após o declínio da economia algodoeira campinense durante a década de 1933, devido a grande concorrência das grandes indústrias paulistas, nossa cidade já passava por grandes transformações em seu aspecto urbano desde 1930, ano do auge de suas atividades econômicas relacionadas ao cultivo do algodão. Nesse período, as principais cidades brasileiras já se preocupavam com o planejamento urbano (rede de esgoto, abastecimento de água e rede elétrica) com o objetivo de torná-las mais organizadas e confortáveis para seus moradores, comerciantes e visitantes. (BARROS, 2012, p.11)

Assim, podemos destacar que o fim do ciclo do algodão na cidade de Campina Grande, não retardou ao seu progresso urbano, pelo contrário, a mesma passou a se desenvolver cada vez mais. Nesse caso, compreendemos que a produção algodoeira alavancou consideravelmente a economia campinense, proporcionando a mesma o seu crescimento e desenvolvimento econômico, social e urbano, mas ele por si só não explica todo o seu progresso, outros fatores como, por exemplo, as estradas de ferro, ajudaram neste desenvolvimento.

De fato, Campina Grande só veio assumir a função de praça de comércio interposto entre o Sertão e o Litoral no final do século XIX e no começo do século XX, com a chegada

da estrada de ferro, no ano de 1907 em Campina Grande, intensificando e ampliando assim, a sua produção comercial. Se antes as mercadorias demoravam dias e mais dias nos lombos dos animais de carga para chegarem ao seu destino, agora, as mercadorias chegavam diretamente pela ferrovia com mais eficiência e rapidez. “Com isto, o comércio de Campina Grande ganha novo impulso e a função de praça intermediária por ela exercida se incrementa cada vez mais” (ARANHA, 1991, p.81)

A verdade é que o trem, ao fazer dessa cidade um dos seus pontos terminais, tornou-se, durante pelo menos três décadas, o único meio de transporte moderno num raio de dezenas e até centenas de quilômetros em direção ao interior da Paraíba e de outros estados. A sua condição de ponto terminal de trens atraiu o referido comércio interiorano, o que exigiu um permanente movimento dos tropeiros com destino a esta praça. Aqui eles desempenhavam principalmente o algodão trazido no lombo de animais e se abasteciam de inúmeros produtos fornecidos pelo comércio local, como farinha de mandioca, açúcar, querosene, sabão, tecidos, ferragens etc. E, assim como o trem desembarcava um sem-número de artigos para o diversificado comércio local, por sua vez embarcava o algodão receptado por esse mesmo comércio. (ARANHA, 1991, p.89-90)

Nota-se que os tropeiros com a chegada do trem passam a realizar um novo tipo de rota comercial, se antes tinham que abastecerem e realizarem as trocas de seus produtos com outras cidades, regiões ou estados, agora, passam a abastecerem na praça do terminal ferroviário em Campina Grande, onde abasteciam os mesmos de algodão e desembarcavam artigos, os quais necessitavam para o seu comércio local.

Por outro lado, verifica-se que a chegada da estrada de ferro exerceu uma importante solidificação do comércio campinense, pois aqui, diariamente eram embarcados produtos advindos do Sertão tais como: algodão, couros, animais para abate, como também produtos produzidos dentro do próprio município e áreas adjacentes, como por exemplo: o algodão, cereais, frutas, etc. Através desta estrada de ferro também eram desembarcados diversos produtos, dentre eles: os artigos de luxo, tecidos, açúcar, ferramentas, medicamentos, vindo de outras regiões ou países.

Nesse caso, a linha férrea acelerou o seu progresso, tornando um ponto positivo e lucrativo para a sua comercialização, pois, a mesma enviava os fardos de algodão para as praças exportadoras. Antes mesmo da Segunda Guerra Mundial, Campina Grande já exportava o algodão para a Inglaterra e Alemanha, através da operação conhecida como marco compensado. A citação a seguir demonstra a importância do trem para com o mercado internacional a partir da comercialização do algodão:

À medida que crescia o seu mercado, foram surgindo às prensas, empórios e compradores de lugares distantes. O trem possibilitou o embarque dos fardos prensados para as praças de países estrangeiros. A partir desta mercadoria, o espaço urbano da cidade foi sendo organizado em função da produção dessa matéria-prima na condição de ponto de confluência do sertão ao mercado internacional. (OLIVEIRA, 2009, s/p)

Portanto, concluímos que a principal fonte econômica de Campina Grande durante muitos anos da sua história, foi marcada pela produção do algodão, produto este que promoveu o seu desenvolvimento comercial, amplificando assim a sua urbanização, o seu comércio local e regional. Como também durante um longo período da sua história foram os tropeiros os responsáveis pelo intercambio das mercadorias conduzida nos lombos dos seus muares.

Capítulo 2. A Historiografia Sobre o Tropeiro

Música dos “Tropeiros da Borborema”

Estala relho malvado
Recordar hoje é meu tema
Quero é rever os antigos
tropeiros da Borborema
São tropas de burros que vêm do sertão
Trazendo seus fardos de pele e algodão
O passo moroso só a fome galopa
Pois tudo atropela os passos da tropa
O duro chicote cortando seus lombos
Os cascos feridos nas pedras aos tompos
A sede e a poeira o sol que desaba
Rolando caminho que nunca se acaba

Estala relho marvado
Recordar hoje é meu tema
Quero é rever os antigos tropeiros da Borborema

Assim caminhavam as tropas cansadas
E os bravos tropeiros buscando pousada
Nos ranchos e aguadas dos tempos de outrora
Saindo mais cedo que a barra da aurora
Riqueza da terra que tanto se expande
E se hoje se chama de Campina Grande
Foi grande por eles que foram os primeiros
Ó tropas de burros, ó velhos tropeiros.

(Rosil Cavalcanti e Raimundo Asfora)

A música acima gravada por Luiz Gonzaga em 1982, “Tropeiros da Borborema”, composta por Rosil Cavalcante e Raimundo Asfora, trata do crescimento da cidade de Campina Grande a partir dos seus principais precursores os tropeiros e as tropas de burro. Relata o cotidiano vivido por ambos durante as longas travessias realizadas entre o sertão e o litoral paraibano, tendo como principal objetivo interpretar uma realidade do passado refletida no presente. A letra da música demonstra os desafios e as dificuldades enfrentadas tanto pelos tropeiros como pelas tropas de burros em função do cansaço, da fome, dos fardos de pele e algodão carregado pelos muares, à elevada temperatura, a falta de comodidade, de estadia para descansarem, dentre outros fatores que se faziam presentes durante toda a trajetória percorrida.

Embora o foco deste trabalho esteja voltado para os tropeiros na cidade de Campina Grande, é importante destacar como outros autores escrevem sobre os mesmos, descrevendo a sua importância para o desenvolvimento econômico, político e social tanto na cidade de Campina Grande como na formação do Brasil e como ambos vão construindo a partir de tais informações a história de vida desses homens que enfrentavam diversos desafios e perigos, contribuindo para o progresso da formação do Brasil e desenvolvimento do comércio.

Nesta perspectiva, o objetivo desta historiografia acerca do tropeiro está relacionado à imagem que determinados autores ao longo dos seus discursos passaram a construir sobre estes homens e seus respectivos animais e como vai sendo reforçado e cristalizado as suas qualidades, características, personalidades, mediante a sociedade. Será discutido também o surgimento das tropas de burros, a sua finalidade, a criação dos muares, a importância do Açude Velho e a sua relação com os tropeiros.

Como já foi mencionado anteriormente, cada autor possui uma visão diferenciada uns dos outros, construindo, assim, um heroísmo, uma ideologia, um caráter, uma postura, um exemplo de resistência e companheirismo, em torno dos tropeiros e das condições de vida vivenciada por cada um deles, no seu cotidiano. Entretanto, questionamos o lugar social, a conjuntura em si que proporcionou e motivou autores a escreverem sobre estes homens e animais, como ambos passam a legitimar a sua coragem, a sua bravura, o seu lugar, o seu convívio entre os indivíduos, dentro e fora da sociedade, as quais estavam inseridas e faziam parte.

Quando falamos ou nos referimos aos tropeiros, nos vem a mente ligeiramente a ideia de homens transportando mercadorias de um dado lugar para outro, mas será que ele era visto desta forma por todos? É o que vamos discutir a partir de agora, apresentando as imagens que determinados autores a partir do seu tempo passaram a referi-los, como também a importância

dos burros muares e a relação estabelecida entre esses animais e os tropeiros em meio às atividades realizadas cotidianamente.

Inicialmente discutiremos a imagem cristalizadora de Elpídio de Almeida (1978), um dos autores que criou uma representação histórica sobre os tropeiros diante da fundação da cidade de Campina Grande, como também será abordada a importância que este autor atribui ao Açude Velho para com os tropeiros.

Almeida (1978) descreve que a cidade de Campina Grande durante o início do século XIX, servia de via de acesso para os principais pontos de convergência da região nordestina. Era um lugar de descanso para os animais e tropeiros, sendo considerada a parada obrigatória, após uma longa caminhada.

Campina Grande não era simplesmente um pouso, um lugar de descanso para animais e tropeiros. Mas a parada obrigatória, o ponto terminal da longa caminhada. Aqui operavam-se as permutas, as trocas comerciais. Vendiam-se os produtos do sertão, principalmente algodão, couros e queijos, e compravam-se as mercadorias para o abastecimento da zona seca, em maior quantidade gêneros alimentícios, de preferência rapadura e farinha de mandioca. (ALMEIDA, 1978, p.107).

A citação acima menciona que os tropeiros ao chegarem a Campina Grande, realizavam trocas de mercadorias advindas de outras localidades, mantendo assim, relações comerciais, as quais permitiam o desenvolvimento da cidade. O Açude Velho, dentro deste contexto era considerado o ponto convergente do encontro dos tropeiros na cidade de Campina Grande, tornando-se a praça dos escambos na Província. Ele oferecia condições favoráveis para manter a regalia da cidade, o que os tropeiros necessitavam tais como: “Água para os animais, permanentemente, em qualquer estação do ano, em qualquer situação climática mesmo durante as secas prolongadas.” (ALMEIDA, 1978, p.107).

O Açude Velho construído na metade do século XIX e inaugurado no ano de 1930 serviu não apenas de ponto de parada obrigatória para os tropeiros diante das suas margens, mas tornou-se um ponto comercial de mercadorias dentro e fora da cidade de Campina Grande. De acordo com Aranha (1991), se transformou na mais importante fonte pública de toda a Chapada da Serra da Borborema, tendo uma utilidade incalculável, não só para esta cidade, a qual lhe deve toda a sua importância comercial, mas para todo o Centro da Província e parte das Províncias vizinhas.

Diante destas informações, descrevemos que Campina Grande por um longo período da história paraibana se destacou por ser o ponto de confluência das principais estradas que ligavam Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.

Tendo em vista estas informações, compreende-se que Almeida (1978) apresenta uma imagem sobre os tropeiros associada à importância e a relação existente entre as estradas que ligavam a presente cidade e o Açude Velho, elementos estes cruciais na fundação e consolidação da cidade de Campina Grande.

Vejamos a citação a seguir:

Três longas estradas, originando-se nos sertões, convergiam em Campina Grande á procura do litoral, das duas capitais, Paraíba e Recife. A do centro, a principal, cortava a Paraíba de leste a oeste, longitudinalmente, entrava no Ceará pelo Vale do Jaguaribe, passava em Iguatu, ia findar nos campos pastoris do Piauí; ou, na sua bifurcação nas Espinharas, dirigia-se a Piancó, rumava ao Crato, daí partia em direitura a Picos e Oeiras, ainda no Piauí. Era a conhecida estrada das boiadas, em trânsito desde o começo do século XVII. A do norte, a menos comprida, punha Campina Grande em comunicação com a rica e extensa região do Seridó, no Rio Grande do Norte. A do sul, atravessando os Cariris Velhos e o centro de Pernambuco, alcançava as margens do rio S. Francisco. (ALMEIDA, 1978, p. 106)

Para terem acesso a essas três longas estradas citadas por Almeida (1978), o meio de transporte utilizado era as costas dos cavalos, sendo posteriormente substituída pelos lombos dos muares, os quais demonstraram ser mais apropriado às longas travessias.

Seguindo a mesma linha de pensamento de Elpídio de Almeida (1978), Evaldo Gonçalves (1977), exaltou a imagem do tropeiro diante da fundação da cidade de Campina Grande.

Foram os Tropeiros da Borborema que fundaram Campina Grande e afizeram crescer. Simbolizou o exemplo mais afirmativo de uma revolução de costumes, ainda descritas pelos sociólogos, nem pelos historiadores: Campina Grande ofereceu aos criadores das várias áreas do estado a oportunidade rara de se tornarem comerciantes, e até prestadores de serviços, antes da organização social e econômica da Paraíba. (GONÇALVES, 1977, p.131)

De acordo com Gonçalves, (1977) foram os tropeiros da Borborema que fundaram a cidade de Campina Grande, além de terem oferecido aos criadores viventes do estado a oportunidade de torna-se comerciantes. Desse modo, percebemos que o autor supracitado, apresenta uma imagem construtiva da cidade vinculada aos tropeiros.

Aranha (1991), outro autor que escreveu sobre os tropeiros, relata que as primeiras tropas começaram a surgir por volta do século XIX, na Paraíba, intensificando o uso a partir de então. A substituição do cavalo pelo burro começou a ser concretizado quando passou a ser verificado que este era mais resistente e mais apropriado às longas travessias, sobretudo no período da estiagem. A partir de então, a procura pelo gado muar passou a ser constante.

A citação que segue vem afirmar o que foi dito por Goulart (1961) e posteriormente por Aranha (1991), sobre os tropeiros.

Ademais, aos poucos eles foram se tornando um dos principais meios de sobrevivência para muitos sertanejos, seja na condição de proprietário de uma tropa própria, seja na condição de mero portador de uma tropa de outrem. Ora, como o cavalo foi substituído pelo burro no transporte de mercadorias, explica-se a importância atribuída à criação deste último. (ARANHA, 1991. p.238)

Em nível nacional, Goulart (1961) descreve o surgimento dos burros muares como animal de carga a partir do processo de importações de mercadorias de um lugar para outro propiciando, assim, o desenvolvimento econômico e social de vários estados, cidades e municípios. Dentre eles podem ser destacados: São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Nota-se que a falta e a ausência de transportes num dado momento da história brasileira dificultou muito as relações comerciais entre uma região e outra devido a inúmeros fatores, dentre eles ressaltamos: regiões acidentadas com difícil acesso; clima hostil às estradas; produtos caros. Desta forma, destacamos que as tropas de muares na sua grande maioria eram compostas por animais que variavam de acordo com as tradições predominantes de cada região, sendo comuns sete cargueiros¹ em cada uma dessas tropas.

A citação a seguir apresenta a função dos muares na formação do Brasil.

A finalidade das tropas era carregar riquezas para orla marítima – a princípio produtos minerais e depois produtos agrícolas – e refluir transportando o que fosse necessário àquelas pequenas cidades interioranas. São Paulo, pela sua localização, tornou-se o ponto de convergência não só das numerosas manadas de burros e bestas tocadas ao Sul, como também das tropas de cargueiros, já organizadas, que trafegavam entre o interior e o litoral. (GOULART, 1961, p.48)

Goulart (1961) expõe que São Paulo, por apresentar uma boa localização, tornou-se ponto de concentração não só para pequenos grupos de manadas de burros, mas para tropas já organizadas, os quais comercializavam entre o sertão e o litoral brasileiro. Dentro deste mesmo contexto, este mesmo autor relata que as tropas, transportavam mercadorias necessárias para abastecer as cidades interioranas. Assim como na Paraíba, Campina Grande é citada como a cidade de parada obrigatória para o pouso dos tropeiros com os seus respectivos animais, Goulart (1961), expõe que São Paulo, por apresentar uma boa localização, tornou-se ponto de concentração não só para pequenos grupos de manadas de burros, mas para tropas já organizadas, os quais comercializavam entre o sertão e o litoral brasileiro.

¹ Guia de bestas.

Voltando às imagens direcionadas aos tropeiros em torno dos discursos dos autores, os quais já escreveram ou escrevem sobre esta temática, notamos que os discursos e a imagem de Goulart (1961), com relação aos tropeiros estão relacionados a homens bem requisitados, ansiosamente esperados e bem recebidos pela sociedade. Aborda que a maioria das vezes o próprio tropeiro era o dono da tropa, o “patrão”, que carregava suas mulas pelo caminho afora diante de um preço combinado, tornando-se indispensáveis para o desenvolvimento de diversas cidades. Descreve que os tropeiros exerciam outras funções, dentre elas podemos ressaltar: emissário oficial, transmissor de notícias, correio, portador de bilhetes, recados, etc. “O tropeiro era sempre bem recebido nas casas senhoriais, depositário que era da confiança de grandes e pequenos.” (GOULART, 1961, p.108). A confiança depositada neles era justificada a partir dos compromissos bem sucedidos em torno das mercadorias que lhes eram confiadas e cumpridas sem nenhum descaso ou deslize.

Nesse sentido, notamos que a imagem de Goulart (1961), quando se refere aos tropeiros e as tropas de burros está relacionada a uma visão de heroísmo, de coragem, de homens endinheirados, construtores da formação do Brasil, num período em que segundo Goulart (1961), eram os únicos responsáveis por assegurar e manter a circulação de produtos e mercadorias. Entretanto, ao pensar no tropeiro diante da formação do Brasil, podemos caracterizá-lo como um elemento essencial para o intercâmbio de mercadorias, bem como percebemos que os tropeiros tiveram muita ousadia e coragem ao saírem de um determinado lugar aventurando-se por caminhos até então desconhecidos, uma vida cercada de perigos e desafios, nas suas constantes viagens de meses, mas se tratando de Brasil notamos que eles ganhavam gordas porcentagens pela concretude do seu trabalho, como observamos na citação abaixo:

O tropeiro era abastado, pois ganhava gordas porcentagens sobre as mercadorias que negociava. Comprava gêneros, fazendas e utensílios de toda espécie, no litoral, e os vendia com pingues lucros no interior. Senhores de grandes cabedais investidos em bestas, mercadorias, títulos de crédito, etc., tropeiros havia que possuíam várias tropas aos cuidados de arreios de confiança. O seu prestígio econômico e social acabava por lhe abrir as portas da política. (GOULART, 1961, p. 113)

Diante do exposto, percebemos que Goulart (1961), refere-se ao tropeiro como homem rico, com uma ascensão econômica bastante favorável, donos de grandes propriedades, ou seja, sobrepõe aos tropeiros uma imagem de grandes empresários.

Em contra partida Aranha (1991), quando aborda a cidade de Campina Grande e do tráfego das tropas de muare e dos tropeiros entre o sertão e o litoral paraibano, apresenta os tropeiros como homens que na sua grande maioria não eram donos do seu negócio,

trabalhavam arduamente porque precisavam e naquele período era o meio dos quais encontravam para o seu sustento e da família.

Nota-se que criação dos muares no estado paraibano, começou a intensificar durante o século XIX, tornando assim, a sua principal atividade lucrativa, permitindo um crescimento estável entre as cidades, principalmente durante a década de 1930 em Campina Grande, onde a demanda por eles passou a ser constante. Nesse sentido, as pessoas que possuíam os burros muares naquele momento da história eram vistos como detentores de uma pequena fortuna, para não afirmar que eram detentores de certo *status* de acordo com a concepção de Aranha (1991), pois os muares naquelas circunstâncias estavam sendo a principal fonte de renda para a maioria da população, num período em que as condições de vida não eram favoráveis a todos, principalmente no que se referiam à aquisição de animais.

No entanto, verificamos que Aranha (1991), ao escrever sobre os tropeiros lhes atribui uma imagem de uma classe de trabalhadores subalternos, devido a inúmeros fatores, dentre eles: às condições precárias que vivenciavam a cada dia, o ganho adquirido a cada viagem realizada, às condições de vida desfavoráveis.

Ora, como os tropeiros, em sua esmagadora maioria não eram proprietários dos comboios de animais que conduziam e estavam sujeitos às condições descritas, tal fato leva à constatação de que eles compunham uma classe de trabalhadores subalternos, explorados, verdadeiros instrumentos para o enriquecimento alheio. (ARANHA, 1991. p.241).

A partir da citação acima compreende-se que Aranha (1991), defende a ideia de que os tropeiros eram trabalhadores explorados, instrumentos de enriquecimento daqueles que possuíam uma boa aquisição econômica e que investiam nas tropas de burros, neste caso, os grandes proprietários de terras da época.

Em outra perspectiva de estudo sobre os tropeiros, Petrucio Ladjano Araújo Pessoa (2003), apresentou uma monografia sobre o tema: “Tropeiros ou Roceiros? Estudo de uma comunidade rural em São Vicente do Seridó – PB (1923-1933)”. Neste trabalho o seu objetivo está relacionado à complexidade existente dentro da comunidade de São Vicente do Seridó, a qual possui características agrícolas e ao mesmo tempo comerciais.

Constatamos que seu objetivo de estudo está relacionado às disparidades existentes entre os “tropeiros” e os “Tropeiros da Borborema”, o qual lhe é debruçado um olhar fundacional da cidade de Campina Grande. Pessoa (2003) apresenta pontos divergentes entre essas duas linhagens de tropeiros, isto, deve-se ao estudo sobre o comércio em costas de burros e uma visão generalizada sobre os movimentos tropeiros.

Em quando [Sic] os “tropeiros” de São Vicente realizavam iam para o Brejo em busca de comprar para abastecer sua comunidade de produtos básicos, os “Tropeiros da Borborema” eram verdadeiros profissionais de tropas, trabalhavam para grandes comerciantes e iam levar algodão e outros produtos para serem vendidos em Campina Grande, e traziam esses surrões cheios de mercadorias. As realidades eram bem diferentes, enquanto o “desenvolvimento” agrícola no Sertão propiciava a esses tropeiros a realização dessas viagens, também destacava-se como de fundamental importância para todo o estado, já que a maioria da mercadoria que era trazida para Campina Grande eram em costas de burro e conduzidas em comboios por esses tropeiros. Já as tropas que eram organizadas por esses habitantes de São Vicente destacavam-se pela necessidade de comprar mercadoria para um “mercado consumidor” formado por moradores de uma determinada região (...). (PESSOA, 2003, pp.32-33)

A finalidade desta citação é mostrar as duas realidades de tropeiros que divergem uma da outra. Porém, semelhantes em alguns quesitos, pois tratavam de homens comerciantes da mesma forma, mas com suas disparidades.

Percebe-se que as tropas organizadas pelos habitantes de São Vicente do Seridó – PB destacavam-se pela necessidade de comprar determinadas mercadorias para atender as principais demandas dos moradores da região, ao contrário dos Tropeiros da Borborema, os quais trabalhavam em prol da comercialização de determinados produtos negociados, principalmente às margens do Açude Velho na cidade de Campina Grande, onde se deparavam com indivíduos vindos de outras cidades paraibanas ou estados circunvizinhos.

Segundo Pessoa (2003), os “tropeiros” ou roceiros além de serem comerciantes, desempenhavam outras atividades em São Vicente do Seridó - PB, estas direcionadas a agricultura e a pecuária, ou seja, era uma vida instituída de várias culturas econômicas e com diversas fases. Ao contrário dos Tropeiros da Borborema, que viviam das suas rotas comerciais.

Nota-se que o declínio dos tropeiros em São Vicente do Seridó - PB foi ocasionado pelo aparecimento dos caminhões, pois, com o surgimento deste meio de transporte, os jumentos passaram a ser desprezados, devido a sua lentidão, as quais tornavam as viagens longas e cansativas, divergente do caminhão, que proporcionava nas longas viagens agilidade e conforto, além de possibilitar lucros entre os compradores e menos despesas. Já o declínio dos tropeiros da Borborema, deu-se a partir da chegada do trem em Campina Grande no ano de 1907.

Dessa forma, ressaltamos que cada autor apresenta o tropeiro de formas diferenciadas uma das outras, dando-lhe a sua devida importância em meio da sua significação no processo de desenvolvimento econômico das cidades. Já as tropas de muares paulatinamente

desempenharam um papel crucial diante do fator econômico e social, em um período que eram os únicos meios disponíveis e regulares para realizarem o intercâmbio de produtos e mercadorias com outras localidades e regiões.

Portanto, apesar dos tropeiros terem desencadeado um papel fundamental e crucial para o desenvolvimento do comércio tanto na cidade de Campina Grande, como das cidades do Sertão ao Litoral paraibano e na formação do Brasil afora, num período e numa fase da história que eram eles, juntamente com os seus burros muares, os principais elo entre uma cidade e outra, um estado e outro, devemos questionar os discursos e as imagens direcionadas aos mesmos, pois cada autor defende uma imagem formulada sobre os tropeiros, conceituando os mesmos de uma forma própria mediante os seus estudos e pesquisas.

Embora os tempos tenham se passado, ainda vivenciamos com a sua presença diante das marcas deixadas e refletidas dentro e fora da sociedade. Porém, devemos sempre estar atentos com as fontes, que nos são fornecidas, pois, cada uma delas possui um recorte temporal, falam de um lugar social, construindo assim, uma simbologia e uma imagem sobre os tropeiros.

CAPÍTULO 3. Como os tropeiros transformaram-se no símbolo fundacional da cidade de Campina Grande.

Após apresentarmos a história de Campina Grande e termos realizado um estudo sobre a sua historiografia em torno das imagens relacionadas ao tropeiro, chegamos ao momento crucial deste trabalho monográfico: apresentar como os tropeiros ao longo do tempo foram sendo consagrados elementos fundacionais da cidade de Campina Grande. Isto será possível diante das representações históricas existentes na cidade, as quais demonstram a importância dos tropeiros em meio a fundação de Campina Grande.

3.1 – Monumento



Fonte: foto particular (Ana Paula Nunes de Freitas, 2012).

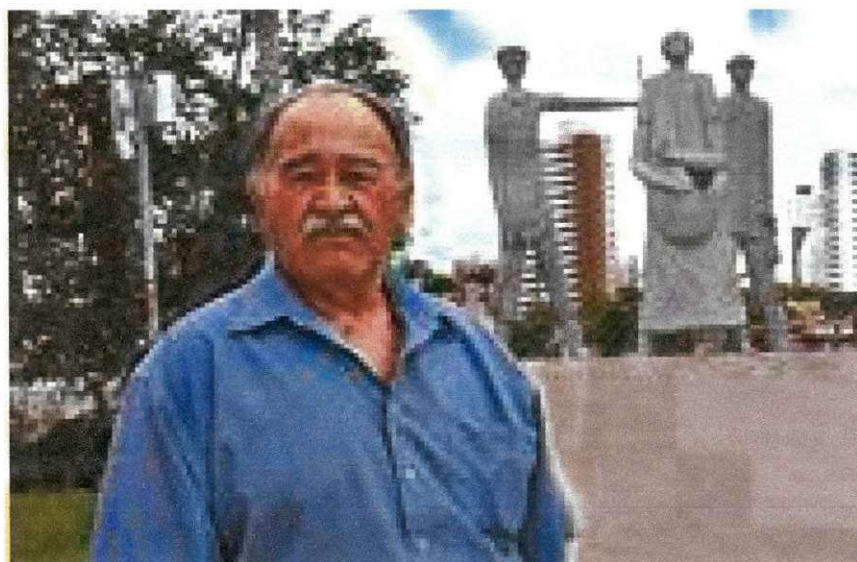
Este monumento está localizado às margens do Açude Velho, em Campina Grade, lugar simbólico para os tropeiros, onde foi inaugurado no dia 11 de outubro de 1964 para marcar o seu centenário de emancipação política, numa forma de homenagear a cidade.

É importante salientar que o presente monumento está localizado na parte central do Açude Velho, direcionado para o nascer do sol, demonstrando assim, o progresso e a esperança do futuro. Por muitos anos o monumento indicava a chegada em Campina Grande de quem vinha da capital João Pessoa e de outras cidades do Leste.

Embora equivocadamente seja considerado por muitos o monumento dos tropeiros, trata-se de três figuras representativas dos pioneiros fundacionais da cidade de Campina Grande, representados a partir do índio, do tropeiro e da colhedora de algodão, os quais sancionaram o surgimento e o desenvolvimento desta cidade.

O escultor deste monumento foi o esteta pernambucano e xilógrafo, José Corbinniano Lins. É importante destacar que a sua especialidade é o brio da figura humana em riste.

O jornal Diário da Borborema, no dia 24 de novembro de 2011, vinculou ao jornal e publicou uma matéria assinada pelo jornalista Márcio Rangel intitulado “Monumento aos Pioneiros – o traslado das Estátuas (1964)”. Nela apresentou uma reportagem do responsável pelo transporte das estátuas dos pioneiros fundacionais de Campina Grande, o caminhoneiro já aposentado José Firmino dos Santos, que tinha no ano de 2011, 74 anos.



Fonte²: foto particular (Márcio Rangel/DB)

A partir da reportagem do jornal Diário da Borborema, observamos que o presente monumento foi feito no Rio de Janeiro pelo escultor Corbinniano Lins e trazido para a Paraíba, especificadamente para a cidade de Campina Grande após a sua conclusão no ano de 1964, com o objetivo de comemorar os 100 anos de sua emancipação política, como já foi mencionado. Entretanto, depois da conclusão das estátuas, o ex – caminhoneiro José

²**Site:** http://cgretalhos.blogspot.com.br/2011/07/monumento-aos-pioneiros-o-translado-das.html#.UU_s_kByG3gE

Firmino dos Santos foi contratado com o seu caminhão Chevrolet para transportá-las do Rio de Janeiro para Campina Grande, com a recomendação de ter o maior cuidado possível, pois, tratava-se de três peças, extremamente pesadas, cada uma delas pesando em média, 1.500kg.

De acordo com a reportagem a viagem durou dez dias do mês de maio, pois, o percurso foi realizado com maior cuidado para não causar nenhum dano às peças. Porém, ao chegar a Campina Grande tiveram á dificuldade de fazer o descarrego das mesmas, isto porque, a cidade ainda não apresentava uma estrutura adequada para o trabalho. Diante desta situação, alugaram um maquinário para retirar as peças de cima do caminhão Chevrolet, isto, de acordo com a publicação do jornal.

No entanto, verifica-se que a matéria além de mostrar o lugar onde as peças foram feitas, homenageia o responsável pelo transporte das estátuas José Firmino dos Santos, mostrando o percurso realizado por ele até que chegasse ao seu destino final, Campina grande, relatando o prazer e a satisfação do mesmo em ter contribuído com este marco histórico do ano de 1964.

Através do monumento aos pioneiros, percebemos que se trata de um monumento moderno, extremamente simples, sem a presença de pedestais e feita de pedra. Percebemos também o descaso e o abuso da sociedade pelo patrimônio público e histórico da cidade, pois na atualidade o monumento aos pioneiros encontra-se pichado e sujo.

Já dizia Bacellar (2006),

Os arquivos brasileiros enfrentam de forma geral, os sérios problemas comuns aos serviços públicos: falta de pessoal, de instalações adequadas e de recursos. Geralmente não prioritários aos olhos governamentais, foram durante muito tempo tratados como instituições de segunda categoria, verdadeiros depósitos de papéis velhos e de funcionários problemáticos. (BACELLAR, 2006, p.49)

Estas realidades vivenciadas pelos arquivos brasileiros acontecem em outras perspectivas, trazendo esta discussão para nosso tema sobre o monumento, percebemos que os patrimônios sejam eles representativos, culturais ou outro, sofrem sérios descasos pelos serviços públicos ou da população em geral, pois, falta o respeito e o cuidado pela preservação da memória, isto, fica evidente diante da sujeira em que o monumento encontra-se.

Antes de falarmos sobre o dia da inauguração de um monumento, é importante compreendermos qual a diferença existente entre documento/monumento, como surgiu o seu conceito e como o documento transforma-se em monumento.

Os documentos são considerados a base primordial diante do julgamento histórico, sem eles nada poderia ser discutido ou dialogado entre os historiadores sobre um determinado período histórico. Entretanto, o documento evoluiu paulatinamente na historiografia mediante o ato de ensinar e de comprovar, criando um lugar na memória. Para Le Goff (2004), a memória coletiva e a história podem ser compreendidas a partir de dois tipos de materiais: o documento e o monumento.

O conceito de monumento nasceu a partir do Império Romano, tendo suas raízes filológicas, entendida como uma herança herdada do passado, perpetuada à recordação. O documento, por sua vez, representa a escolha do historiador e por muito tempo foi considerado como um texto escrito. Segundo o autor, o documento é o resultado de várias montagens a partir do consciente e do inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu.

A concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental, e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivado e desvio o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que ele seja – enquanto documento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa... (LE GOFF, 2003. p. 535).

Nessa perspectiva, a partir do momento que o historiador escolhe documentos para reconstrução do passado como uma memória, ele está transformando o documento em monumento. Entretanto, essa memória torna-se coletiva pelo fato do historiador utilizar documentos e fazer parte de uma sociedade, pois o documento cria um lugar da memória diante da comunidade e entre os indivíduos. A partir destas informações, notamos que os monumentos assim como os documentos são de grande relevância para a construção da memória de uma cidade.

Adentrando agora no ato inaugural de um monumento, sabe-se que:

(...) a escolha e o local em que será erguido, a definição das formas, símbolos e inscrições com que personagens e acontecimentos serão representados são apenas algumas das etapas de um processo que tem na cerimônia de inauguração um importante momento de atribuição de significados ao que está sendo rememorado. Ainda que não encerre o processo de construção dos sentidos, a

inauguração representa a concretização de uma idéia, a etapa final da produção da obra. Inaugurar um momento é apresentá-lo aos olhares e usos diversos do público. É, pois, um ato de poder por meio do qual se busca firmar uma determinada representação do passado. (UHLE & PRADO,2011 s/p)

Em torno da concretude de um monumento há várias coisas a serem pensadas, uma delas diz respeito ao ato inaugural, pois geralmente ocorre em uma data importante, específica para aquele acontecimento. No caso do monumento sobre os pioneiros da cidade de Campina Grande, foi inaugurado para marcar a sua emancipação política, como já foi mencionado anteriormente. Neste sentido, percebe-se que a idealização e a concretude de um monumento representam a construção de uma memória para a cidade.

Escolher um lugar para sua exposição é uma tarefa bastante difícil, pois em alguns momentos e ocasiões pode até gerar conflitos, isto devido às relações de poder existente dentro de uma sociedade.

Neste caso,

O que se pretende é que o monumento seja erguido numa praça ou em outro local público que seja um privilegiado espaço de sociabilidade. Escolhe-se prioritariamente uma praça que seja palco de práticas de cidadania – festas, procissões, comícios, passeatas, etc. – e que em geral abrigue também as sedes dos poderes políticos. (UHLE & PRADO,2011 s/p)

A partir da citação acima, percebemos que os monumentos são expostos em locais estratégicos, que possam ser bem visualizados pela sociedade, valorizando assim a obra. O monumento referente aos pioneiros fundacionais da cidade de Campina Grande encontra-se às margens do Açude Velho por ser um local onde simboliza o crescimento e o progresso da cidade. Local este que serviu de via de acesso para os tropeiros estabelecerem as suas relações comerciais.

Portanto, o monumento em estudo teve e têm uma grande relevância para a cidade de Campina Grande, desde sua inauguração em 1964, pois, trata-se de uma simbologia em torno dos pioneiros desta cidade. Por outro lado, percebemos que mesmo tratando-se de três esculturas representativas da cidade, grande maioria da população seja de Campina Grande ou não, direciona um olhar mais diferenciado ao tropeiro, deixando de lado as outras duas estátuas: **a da colhedora de algodão**, a qual homenageia às mulheres que colhiam algodão que floresceu nas regiões ao redor de Campina Grande entre os séculos XIX e a década de 1940, formando o mais rico ciclo da economia de Campina Grande e **o índio**, habitantes da região de Campina, quando Teodósio de Oliveira Lêdo chegou a mesma, no ano de 1697, proporcionando assim, o início do povoamento da região.

3.2 Grupo de Cultura Nativa “Trapeiros da Borborema”

Tendo em vista a importância dos tropeiros para o desenvolvimento e o progresso de Campina Grande, várias homenagens foram direcionadas a eles, a exemplo do grupo cultural “Trapeiros da Borborema”.

O presente grupo foi criado no dia 05 de maio de 1982, pelos professores de Educação Física, Gerson de Oliveira Brito, Josefa de Lourdes Lira Brito e Evandro do Carmo Souza, tendo como objetivo pesquisar, preservar, divulgar e principalmente conservar a memória desta cidade a partir das manifestações de cultura popular, especificadamente no que se refere à cultura nordestina.

Gerson de Oliveira Brito é professor formado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal da Paraíba, no ano 1988. Quando ainda era estudante deste curso concluiu uma disciplina chamada “Rítmica I” e “Rítmica II” e outras duas chamadas “Recreação I” e “Recreação II”. Nesta última um dos conteúdos abordados era a cultura popular, abrangendo temas como costumes, tradições, vestimentas e gastronomia do povo nordestino. Isto chamou-lhe muito a atenção.

Ao término do curso de Educação Física em João Pessoa, juntamente com Lourdes Lira Brito e Evandro do Carmo Souza, começou a pensar em formar um grupo que abrangesse temas direcionados à cultura popular tendo como espelho o “Grupo da Universidade Federal da Paraíba”. O mesmo sediado dentro da própria instituição de ensino, no Grupo “Tenente Lucena” do SESC, de João Pessoa, e no Grupo Liceu Paraibano dirigido pela Prof^a Linalva França.

Ao chegarem a Campina Grande após terem concluído o curso de Educação Física, convidaram a Prof^a Linalva França para dar um curso de dança no Centro Cultural nesta cidade. Abriam-se inscrições para a comunidade e inscreveram-se numa faixa de 150 pessoas, dentre estas professores da rede municipal e estudantes. No término do curso foi feita uma seleção das pessoas que haviam se destacado e convidaram para iniciar um grupo de dança. Todos aceitaram, dando procedimento às suas atividades. Começou-se com sete componentes e ao longo do tempo foram amadurecendo a ideia da preservação de uma cultura popular.

Segundo Gerson de Oliveira Brito, no início da formação do grupo, no ano de 1982, enfrentou-se inúmeras dificuldades, pois neste período o teatro municipal estava passando por uma crise existencial e estrutural. Especialmente o problema residia na resistência dos pais em não aceitarem, nem permitirem que seus filhos fossem atores ou nem dançarinos. Os pais

acreditavam que grupos de dança eram para pessoas desocupadas e o envolvimento dos seus filhos com a cultura não os levaria ao bom caminho. Neste caso, começar um trabalho onde o templo maior da cultura na época era o teatro foi muito difícil.

Um dos seus principais objetivos é o engajamento dos jovens ao grupo, acreditando-se que o envolvimento deles os tirará das mesas de bares, dos riscos das drogas, do mundo da prostituição, enfim, que esse público possa ver no Grupo Tropeiros da Borborema como em outros grupos existentes, a exemplo, de “Acauã da Serra”, “Origens”, “Raízes”, alguns motivos para preservarem a sua própria identidade cultural.

A princípio o grupo chamava-se “Grupo de Dança Folclórica do Centro Cultural”. Ao passar dos anos, com o intuito de substituí-lo, Gerson de Oliveira Brito sugeriu “Grupo Tropeiros da Borborema”, por achar o nome forte pela sua vinculação histórica. No entanto, foi vetado pela resistência de alguns dos seus integrantes por acreditarem que este nome estava ultrapassado para a época. Em contra partida, um dos seus componentes sugeriu que o nome fosse “Grupo Gota d’Água”, com a justificativa de representar a Região Nordeste e devido à falta d’água em várias cidades da mesma.

A confirmação oficial do nome do grupo veio após uma de suas apresentações, no Trigésimo Primeiro Batalhão de Infantaria de Campina Grande, pois, na época o batalhão era regido por um comandante, homem este, muito sensível à cultura. Depois do término da apresentação do grupo, o comandante, deu-lhes uma comenda cujo nome estava escrito “Tropeiros da Borborema”. Diante desta situação surgiu a pergunta se o grupo já tinha um nome oficial, como ainda estava em discussão ele mesmo sugeriu “Tropeiros da Borborema”, pois se tratava do nome do batalhão e uma coisa estaria ligada à outra, não sabendo ele que este nome já havia sido ventilado no meio deles como sugestão. Após entrarem em consenso e refletirem as palavras do comandante veio a confirmação: o nome deixaria de ser “Grupo Folclórico do Centro Cultural” e passaria a ser chamado oficialmente de “Grupo Tropeiros da Borborema”, para a felicidade do seu principal fundador, Gerson de Oliveira Brito, que há muito tempo se dedicava ao grupo.

Segundo Gerson, a ideia inicial do grupo era realizar suas apresentações apenas nas inaugurações das redes municipais, nos eventos em que a prefeitura pudesse promover, como por exemplo, o São João, mas quando iniciaram os seus trabalhos, surgiram outros convites de apresentações em outras cidades. Uma delas foi a professora Luiza Maciel, na época presidente da CIOF (Conselho Internacional de Organizações de Festivais), que os convidou para fazer uma apresentação em Caruaru e daí veio o primeiro convite para viajarem fora do Brasil, no ano de 1985, para irem à Europa. Em seguida, surgiram outras oportunidades.

No *currículo* do “Grupo Tropeiros da Borborema” consta participações em festivais e eventos. Dentre eles podem ser destacados: nos anos de 1987 a 1989 representou a Paraíba na Feira dos Estados em Brasília - DF; em 1992 fizeram uma turnê que durou 60 dias no Sul da França, participando dos maiores Festivais de Folclore da Europa; por várias vezes, realizaram a Abertura do Maior São João do Mundo, em Campina Grande-PB; entre os anos de 1984 e 1996, participaram do Festival de Inverno em Campina Grande, no Teatro Municipal Severino Cabral, durante os meses de julho a agosto; participaram das festividades dos 50 anos do Sesi, em São Paulo; tiveram uma participação especial no filme “O Cangaceiro”, no ano de 1996.

No entanto, a imagem que o grupo pretende levar para o público em geral sobre os tropeiros diz respeito à preservação da cultura popular nordestina, do seu povo, das suas raízes, em um espetáculo que seja agradável ao povo, onde eles possam sentir prazer em ir aos espaços das suas apresentações, como por exemplo, o teatro. Um trabalho sério, bem elaborado, estudado, coreografado, com coreografias bem diversificadas.

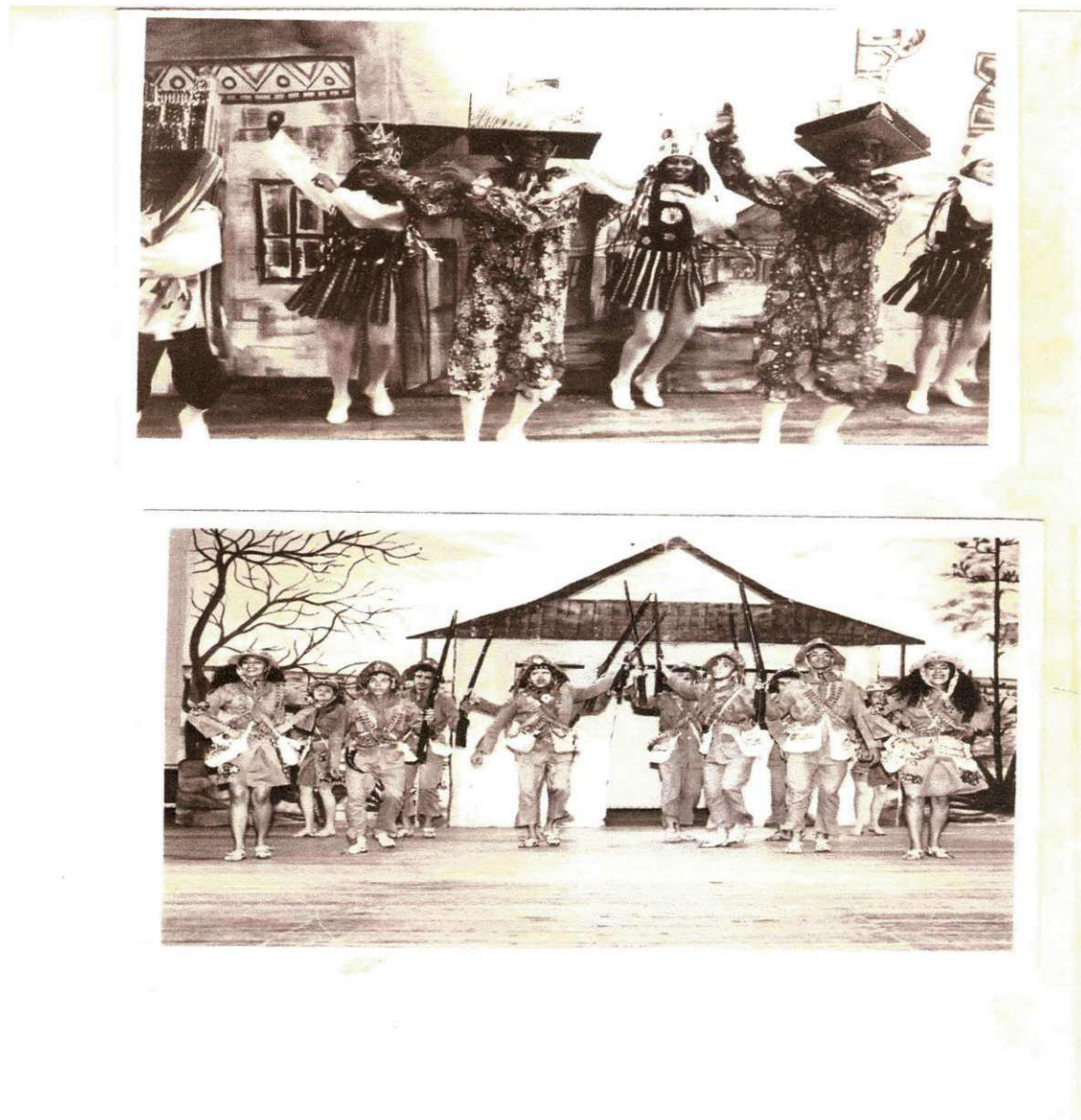
Gerson de Oliveira Brito apresenta os tropeiros como componentes importantes na formação histórica da cidade de Campina Grande quando a mesma estava dando os seus primeiros passos de desenvolvimento, propiciando para esta cidade o progresso.

Brava gente essa que fez dos seus próprios caminhos, o seu próprio destino, *via crucis* nordestina – encontro com Deus, reencontro com os homens – hoje os “tropeiros se erguem como símbolo de guerra e amor à sua terra, vestindo numa roupagem artística, dão outra conotação aos velhos “tropeiros”, mostrando ao Brasil a sua pujança na preservação dos costumes e tradições do seu povo. (BRITO, 1989.p.1)

Através do discurso de Brito (1989), notamos que a imagem que ele atribui ao tropeiro é de homens fortes, guerreiros, os quais faziam dos caminhos traçados o seu próprio destino. Isto porque o seu objetivo é de preservar os costumes e tradições dos tropeiros a partir do grupo “Tropeiros da Borborema”, divulgando, mostrando, pesquisando, conversando e preservando a cultura popular brasileira, principalmente a que se refere à cultura nordestina, em especial a paraibana.

Nesse aspecto, percebemos que Brito (1989) resguarda até nos dias atuais a importância e a influência dos tropeiros em torno da cidade de Campina, demonstrando que a cultura de um determinado lugar não pode ser esquecida e sim preservada, a sua imagem deve ser carregada na memória de todos aqueles que fizeram ou fazem parte da sociedade.

A foto abaixo mostra o figurino e uma das danças do “Grupo Tropeiros da Borborema”.



Fonte: foto particular (Gerson de Oliveira Lins, 2013).

A respeito dos seus figurinos, eles são baseados numa pesquisa em que o grupo faz durante os anos, isto porque cada folguedo e cada dança folclórica ou popular exigem indumentárias específicas. O xaxado, por exemplo, têm suas vestimentas fundamentadas no cangaço, já as danças dos folguedos como, por exemplo, a do guerreiro de Alagoas, ele foi inspirado numa pesquisa que fizeram na chã preta no estado de Alagoas, devido os folguedos virem de lá. Sendo assim, as indumentárias foram baseadas em roupas de espetáculo. Após assistirem uma apresentação do Grupo Popular do Recife e fazerem uma boa relação com

eles, pegaram aquilo que havia de autêntico, justaram a ideia do balé popular do Recife e fizeram uma indumentária riquíssima, inclusive, com o mesmo material que o grupo recifense fez. É importante salientar que as vestimentas do grupo cultural Tropeiros da Borborema sempre foram confeccionadas em Campina Grande.

Gerson frisa que qualquer indumentária ou adereço que você decidir colocar num grupo para folclore que é o caso deles, o qual retrata costumes e tradições de um povo, precisam ter como fundamento os estudos da comunidade, para não correrem o risco de aplicar um adereço, uma cor ou uma indumentária inadequada àquela dança ou folguedo.

Atualmente o grupo cultural Tropeiros da Borborema está passando por um período de estruturação, estando apenas com 22 componentes, mas sempre se mantiveram na base de 40 pessoas.

No entanto, o “Grupo Cultural Tropeiros da Borborema”, diante das suas apresentações dão outra conotação aos antigos Tropeiros da Borborema, em meio as suas roupagens artísticas, mostrando ao Brasil e ao mundo a sua força e a sua coragem em preservar os costumes e as tradições do seu povo, desta feita, através da dança. Diante do repertório do grupo e até mesmo observando a fotografia mostrada anteriormente, notamos que o grupo apesar de levar consigo o nome dos tropeiros da Borborema retratam os costumes e as tradições do povo nordestino e não especificadamente os costumes dos tropeiros diante da formação de Campina Grande.

São desde danças indígenas, que representam os primeiros habitantes no seu autêntico perfil, com credices e superstições, as de sabor aristocrático trazidas para o Brasil nos idos da Coroa Real, e até as mais simples, originárias dos mais diversos rincões do Nordeste, caracterizando a autenticidade e a rusticidade do homem simples, destacando-se o Xaxado, muito divulgado por Lampião e seu bando. (GRUPO DE CULTURA NATIVA “TROPEIROS DA BORBOREMA”, s/a, s/p).

Nesta perspectiva, conclui-se que assim como os antigos Tropeiros da Borborema foi um dos pioneiros fundacionais da cidade de Campina Grande, o Grupo Cultural Tropeiros da Borborema foi o pioneiro desta cidade no requisito folclórico, impulsionando o surgimento de outros grupos culturais em Campina Grande posteriormente a sua criação. Portanto, o nome do grupo está associado aos tropeiros pela sua semelhança, pois, enquanto os antigos tropeiros cruzavam o Nordeste comercializando, levando mercadorias e gerando desenvolvimento de uma localidade para outra, por outro lado, o Grupo Tropeiros da Borborema leva a cultura do Nordeste para outras regiões ou países, isto é, além de resgatar a cultura do seu povo, difundem pelo Brasil afora.

CONCLUSÃO

Diante das dificuldades enfrentadas para conclusão desta pesquisa, a maior delas foi o acesso ao acervo documental (jornais da década de 1964), que se encontra na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) devido à mesma encontrar-se em greve no período do andamento da pesquisa, tornando-se num empecilho para sua efetiva realização.

É importante destacar que embora tenha optado trabalhar a temática dos Tropeiros enquanto elemento fundacional da cidade de Campina Grande, existem outras possibilidades de estudo acerca deste tema. Uma delas está relacionada ao monumento aos Pioneiros (índio, tropeiro, catadora de algodão), demonstrando como essas três figuras representativas da cidade contribuíram para a construção identitária de Campina Grande.

Tendo como base os estudos elencados sobre os tropeiros, percebemos que os autores criaram imagens e interpretações das relações existentes entre os tropeiros e a cidade de Campina Grande, apresentando assim um discurso que remete a sua imagem a fundação da cidade.

Segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior (1999), esses discursos que chegam até nós sempre vêm condicionados pelas instituições que os produziram e os guardaram ou acolheram. Neste caso, a historiografia criou imagens direcionadas ao tropeiro a partir dos discursos de autores locais que os legitimaram como os responsáveis pelo desenvolvimento e o progresso de Campina Grande. Partindo deste pressuposto, damos como exemplo a imagem criada por Elpídio de Almeida (1978), o qual cristaliza a imagem do tropeiro como elemento identitário de Campina Grande. Outro exemplo é Evaldo Gonçalves (1977), que apresenta o tropeiro como fundadores de Campina Grande a partir da sua vocação de pioneiros.

Portanto, existem apenas imagens de autores que eternizam o tropeiro como fundadores de Campina Grande.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEÍDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. 2ª Ed. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB, 1978.

BACELLAR, Carlos. Uso e mau uso dos Arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BRITO, Gerson de Oliveira. **Tropeiros da Borborema**: expressão viva do folclore brasileiro. Rio de Janeiro: Projeto Mambembão, 1989.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

GONÇALVES, Evaldo. **Momentos campinenses e outros momentos**. João Pessoa: A União, 1977.

GOULART, José Alípio. **Tropas e Tropeiros Na Formação do Brasil**. Rio de Janeiro: Conquista, 1961. Vol.4.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. 5ªed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

UHLE, Ana Rita & PRADO, Giliard da Silva. Diálogos interdisciplinares entre fontes documentais e pesquisa histórica. In: **O historiador e o trabalho com os monumentos celebrativos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. [No prelo].

Monografias

ARANHA, Gervásio Batista. **Campina Grande no espaço econômico regional: estradas de ferro, tropeiros e empório comercial algodoeiro (1907-1957)**. Dissertação de Mestrado em Sociologia Rural, UFPB, mimeo, 1991.

OLIVEIRA, Júlio César Mélo de. **Campina Grande: a cidade se consolida no século XX**. Campina Grande: S/e, 2007.

PESSOA, Petrucio Ladjanio. **Tropeiros ou roceiros? Estudo de uma comunidade rural em São Vicente do Seridó – PB (1923-1933)**. Campina Grande: S/e, 2009.

SOARES, Roberto. **“Signos do crescimento de Campina Grande”**: Dos tropeiros da Borborema ao período JK. Campina Grande: S/e, 2009.

Sites:

<http://www.helderdarocha.com.br/paraiba/campina/geografia.html> - Acesso em: 22/10/2012

20:49

http://cgretalhos.blogspot.com.br/2011/07/monumento-aos-pioneiros-o-translado-das.html#.UU_s_kByG3gE – Acesso em: 05/04/2013 15:03